

# ATÉ QUE PONTO CHEGA SER FÁCIL A VIDA DE UMA PERDIDA?

Mayanne Maurício do Nascimento<sup>1</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba (mayanne.maya@hotmail.com)*

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa desconstruir o conceito de facilidade perante a prostituição, assim como, desagregar o termo “perdida” que por décadas serviu como adjetivo para as mulheres que trabalham com o sexo remunerado. Assim como o título do trabalho nos informa é pretendido discutir até que ponto torna-se fácil a vida de uma prostituta que expõe seu corpo aos olhos de pessoas jamais vistas, além de abordar diversas circunstâncias que as mesmas sofrem durante o trabalho, como o não pagamento dos programas até o envolvimento com cafetões e o mundo das drogas. Diante do presente trabalho buscou-se evidenciar os problemas existentes nesta atividade, porém vale salientar que pretendesse mostrar à estima do universo da prostituição saindo da vitimização bastante apontada a profissão.

Sabemos que o sexo remunerado ainda é um grande tabu em nossa sociedade, diferentemente de outros países que assentiram o comércio legal do sexo, entretanto, muitos estudiosos do ramo do gênero é contra este tipo de atividade onde denunciam como sendo uma violação a mulher, porém há aqueles que defendem este tipo de ofício, sendo assim darei ênfase a estas duas vertentes, que alegam opiniões distintas conforme mulheres que preferem trabalhar vendendo o sexo. A prostituição nunca foi bem vista aos olhos daqueles que são adeptos da moral e dos bons costumes, provenientes do fundamentalismo religioso, porém o presente trabalho dará ênfase à prostituta como ser humano digno de respeito, que possuem a tal da moral e esses bons costumes que os conservadores tanto discutem, esclarecendo que são apenas mulheres que veem em seu corpo a oportunidade de fazer o que bem entendem.

Este é um assunto que possui suas dificuldades em criar um debate onde a maioria seja a favor deste tipo de atividade, porém foram os argumentos contra a estas mulheres que faz estimular o diálogo divergente a vitimização, violação do corpo e exploração sexual, pois o intuito é mostrar que a prostituição pode ser atividade remunerada, onde ser prostituta também pode ser escolha, desvinculando o estigma e destacando a mulher prostituta como ser humano digno de respeito. É incomodo pensar porque estas mulheres ainda hoje são alvos fáceis de homens que as procuraram muitas vezes para agredi-las após o programa, e além de socos e pontapés, o descaso dos oficiais permanecer.

Não é vergonhoso fazer do próprio corpo o que pretender, ser prostituta não dá o direito a ninguém de apontar e desmoralizar, muitos menos ter que aguentar piadas de machistas em silêncio. Ser puta não é vergonha, isso mesmo, puta! Pois não é um trabalho como qualquer um, há um peso gigantesco em se expor para a sociedade alegando ser uma “trabalhadora do sexo”, e isto é um dos maiores problemas da regulamentação da profissão, pois quase que unanime trabalham as escondidas, fora do alcance de familiares e amigos, sendo assim, é explícito um dos motivos de não ser um trabalho como qualquer um. Todo trabalho possui questões de difíceis soluções, porém este possui seus problemas particulares que existe apenas neste tipo de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura plena em História pela universidade Estadual da Paraíba. Bolsista de Iniciação a docência PIBID, financiado pela Capes.

atividade, que vai desde um olho roxo até mostrar para a família, sociedade e entidades qual sua ocupação.

Nesta perspectiva é válido articular sobre a prostituição como uma profissão árdua, que consequentemente carrega nas costas a intolerância de uma sociedade que está mais preocupada em julgar esta prática do que entende-la. A prostituição não se limita apenas ao gênero feminino, homens e o *queer*<sup>2</sup> também compartilham desse universo, entretanto as mulheres são o alvo desta discursão, não por ser o gênero que caracteriza melhor a dialética, mas por ser a classe onde o silêncio é infligido desde as sagradas escrituras. Michelle Perrot<sup>3</sup> fala em sua obra *Minha História das Mulheres* que escrever a história das mulheres é sair do silêncio que elas estavam confinadas. Mas porque esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história? (PERROT, 2013:16)

Podemos encontrar diversos motivos para tal prática, poucos são os interessados em saber as reminiscências destas mulheres, mas o conservadorismo ainda eminente na sociedade ocidental está voltado ao julgamento de tais práticas, onde é visto nestas mulheres a imundice, tanto que, no início da urbanização das cidades, as prostitutas juntamente com mendigos, ladrões e desocupados faziam parte da categoria que tornava as grandes cidades imundas. Sendo assim, podemos abordar a condição de vida fácil destas mulheres, que simplesmente possui tal facilidade por conta do prazer que a prática oferece, onde muitas vezes no final do dia nem se senti mais. É como se não fosse necessário nenhum esforço para ganhar o dinheiro, tem esforço maior que se despir para um desconhecido? Ou até mesmo fazer o serviço completo? Nem sempre é recíproco a quem é proporcionado o prazer, concordemos que é merecido o dinheiro após o trabalho, quem trabalha quer dinheiro e se não ganha não é trabalho, é filantropia.

Expor a maior de sua intimidade e ter durante um dia vários homens a tocar sua pele, podendo se submeter a violência contra si mesmo não é ter uma vida fácil. Entretanto a quem questione o porquê de submeter-se a tanto. Gabriela Leite<sup>4</sup> é um exemplo no qual não se pode deixar de citar, ela poderia ter seguido carreira numa ramo da filosofia, sociologia, mas viu que poderia mudar radicalmente a sua vida, não foi fácil, porém foi a vida que ela escolheu.

*Mas apesar de toda a disposição para trabalhar na prostituição, eu ainda enfrentava muitas contradições internas. Estava muito difícil encarar o significado da minha opção radical de vida. Ainda me sentia perdida, sem saber se continuava ou não. Me deparei com meus próprios preconceitos e estigmas. Apesar de estar ganhando dinheiro, me sentia suja e envergonhada pelo que estava fazendo.* (LEITE, 2009)

---

<sup>2</sup> Teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

<sup>3</sup> Historiadora e professora emérita da Universidade Paris VII. Especialista na história do século XIX. O artigo "*Uma história das mulheres é possível?*" é precursor dos estudos sobre a história das mulheres no ocidente. Organizou a obra *A impossível prisão*, dirigiu a série *História da vida privada e História das mulheres no Ocidente*.

<sup>4</sup> Ex-prostituta, estudou ciências sociais na Universidade de São Paulo, fundadora da ONG Davida, que defende os direitos das prostitutas, idealizadora da grife Daspu, desenvolvida por prostitutas e autora de sua biografia *Filha, Mãe, Avó e Puta*.

## Metodologia

“Mulher de vida fácil” e “perdida” são dos adjetivos arcaicos que ainda são utilizados pelas pessoas na contemporaneidade que causa desconforto. Na introdução foi bastante evidenciado o termo correspondente a facilidade, porém o termo que caracteriza a desorientação será um dos focos das próximas linhas.

O incomodo com o termo mulher de vida fácil foi adquirindo por meio de leituras sobre a temática, onde muitos são os que ainda encontram esta facilidade na qual não se pode enxergar. Não é estranho que nesse mundo haja divisões entre os melhores e os piores lugares de se frequentar, do baixo ao alto meretrício, da boca do luxo a boca do lixo. E são os baixos patamares que faz rememorar. E foi chegada à conclusão que a boca do lixo é para as resistentes, local rodeado de cafetões que estão apenas preocupados em roubar, superfaturar e espancar as garotas quem não satisfizerem seus bolsos, cafetinas que estão preocupadas na produtividade das prostitutas, traficantes, usuários de drogas, abatedores de carteira. Os cafetões espertalhões que abordam as prostitutas com promessas de proteção, mas que não querem nada mais que todo o dinheiro de um dia de trabalho, onde qualquer atitude contrária a sua vontade é motivo de ameaças de morte, se não for a vida da prostituta será de um familiar. Infelizmente há um desprazer ambíguo, entre o cafetão e a polícia. As drogas que rodeiam a vida das prostitutas, de uma forma ou de outra, sempre rodeiam, mas não fazem a cabeça de todas.

*Talvez tenha sido falta de informação ou vontade de experimentar tudo. As meninas daquele edifício, o número 134 da rua Barão de Limeira, costumavam tomar Pervetin ou bolinha. Um dia eu estava cansada e uma colega me perguntou se eu não queria provar metade de uma bolinha. Adorei. Gostei da eletricidade, da ligação. E fui aumentando. Todo dia aumentando. Quando eu parei, já estava numa média de cinco por dia. (LEITE, 2009)*

Além das circunstâncias citadas o não pagamento de programas e pessoas que procuram estas mulheres pelo os dois prazeres, o sexual e o da agressão são muito comuns na vida delas, não é algo que acontece com frequência, porém pelo menos uma vez um destes dois fatos deve ter ocorrido com elas. Infelizmente a prostituta tem que passar por estes constrangimentos, além de tudo ouvir e ver nas redes sociais outros tipos de agressão:

*Foda-se o que a sociedade te diz, a sociedade é controlada por esquerdistas e esquerdistas nada mais são que pilantras e parasitas. Faça o que eu estou te mandando que você irá se dar bem. Quem come prostituta come 1 mulher diferente por semana, você não irá dar uma foda para estas vadias que ficam te friendzoneando, irá enxerga-las como vadias fracas de corpo. Se tornará um verdadeiro homem alpha, um verdadeiro homem de bem.<sup>5</sup>*

Então qual seria o conceito de perdida? Ao usar o dicionário o verbo perder, significa deixar de ter, não possuir mais. O que essas mulheres deixaram de ter e o que elas não possuem? Na linguagem popular uma mulher perdida é aquela que está totalmente voltada a práticas e condutas imorais, aquela que não se qualifica como normal, libidinosa, fora dos padrões de

---

<sup>5</sup> Transar com prostitutas é melhor que ter namorada, lide com isto, otário. Blog do Tio Astolfo.

decência, sem nenhuma característica de uma moça de família que respeita as ordens do patriarca e vive conforme a santa igreja, onde a mulher deve:

*Instruir hábitos moralizados, costumes regrados, em contraposição as práticas populares promíscuas. (RAGO, 1985)*

Segundo Rago é vista como *mulher de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas loucas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas, desnudando partes íntimas do corpo, exalando perfumes fortes e extravagantes, provocando tumultos e escândalos, subversivas que rejeitam o mundo edificante do trabalho, surdas aos discursos masculinos moralizantes e que perseguem a todo custo a satisfação do prazer?*

O discurso do médico já teve as prostitutas como doentes, tratando a prostituição como ‘vício’ que poderia se alastrar e contaminar toda uma sociedade, a partir desse discurso foram represadas para que as tais práticas condenáveis não condenassem as moças de família. Alvo fácil dos médicos sanitaristas, chamadas de ‘degeneradas<sup>6</sup>’, foram investigadas, analisadas, em busca de diagnosticar o estereótipo de puta, classificadas como fora a normalidade sexual e social.

*Nos laboratórios de estudo que são transformados os bordéis, os hospitais e as prisões das “perdidas”, elaboram-se simultaneamente técnicas de saber e estratégias de poder destinadas a enclausurar e domesticar as práticas sexuais extraconjugais. (RAGO, 1985)*

Simone Beauvoir ao analisar a condição da prostituição fala que “[...] a prostituta é um bode expiatório; o homem descarrega nela sua torpeza e a renega ”(Idem,376) e continua “[...] a prostituta não tem direitos de uma pessoa, nela se resumem , ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina”.(idem) A pertinência desta análise nos aponta para a inversão que institui e classifica a prostituição no mais baixo nível social, que pune e persegue a prostituta e não o cliente. A violência simbólica desta inversão não pune ou rejeitado socialmente os agentes da violência, os criadores de mercado: os clientes. A quem serve afinal, a legalização da prostituição?

A autora da obra *Segundo Sexo*<sup>7</sup> deixa evidente seu descontentamento e sua desaprovação perante as prostitutas, alegando as mesmas não ter direito de uma pessoa, espelho da escravidão feminina, classificando-as como o mais baixo nível da sociedade. Porém há um equívoco do discurso da autora ao tratar das prostitutas como pessoas que não devem ser dignas de respeito e direitos, independente de qual posição o indivíduo esteja numa sociedade, todos possuem seus estímulos.

A autora continua considerando que: “[...] gostaríamos de saber a influência psicológica que esta brutal experiência teve sobre seu futuro; mas não se psicanalisa “as putas”, elas não sabem se descrever e se escondem sob os clichês”(idem, 380). [...]a mulher oprimida sexualmente e economicamente, submetida ao arbítrio da polícia, à uma humilhante vigilância

---

<sup>6</sup> Do Cabaré ao Lar, 1985.

<sup>7</sup> Publicado originalmente em 1949, a obra retrata o pensamento de Beauvoir analisa a situação da mulher na sociedade. No Brasil foi publicado em dois volumes: "Fatos e mitos" é o volume 1, e faz uma reflexão sobre mitos e fatos que condicionam a situação da mulher na sociedade. "A experiência vivida" é o volume 2, e analisa a condição feminina nas esferas sexual, psicológica, social e política.

*médica, aos caprichos dos clientes, destinada aos micróbios e à doença, é realmente submetida ao nível de uma coisa”(idem,389)*

Depois de todo um discurso de cunho repulsivo Alexandra Kollontai<sup>8</sup> tem opinião divergente a da autora do *Segundo Sexo*:

*“A prostituição deforma todas as noções que nos levam a considerar o ato sexual como um dos fatos essenciais da vida humana, como o acorde final de múltiplas sensações físicas levando-nos a estimá-lo, em troca, como ato vergonhoso, baixo e grosseiramente bestial. A vida psicológica das sensações na compra de carícias tem repercussões que podem produzir consequências muito graves na psicologia masculina. O homem acostumado à prostituição, relação sexual na qual estão ausentes os fatores psíquicos, capazes de enobrecer o verdadeiro êxtase erótico, adquire o hábito de se aproximar da mulher com desejos reduzidos, com uma psicologia simplista e desprovida de tonalidades. Acostumado com as carícias submissas e forçadas, nem sequer tenta compreender a múltipla atividade a que se entrega a mulher amada durante o ato sexual. Esse tipo de homem não pode perceber os sentimentos que desperta na alma da mulher.”*

Nesta perspectiva cito outro defensor do sexo pago Chester Brown<sup>9</sup>, o cartunista lançou uma autobiografia em quadrinhos onde conta por meio de ilustrações todas as suas relações sexuais com prostitutas, Chester cheio das consequências do amor romântico decide pagar pelo sexo, pois um dos motivos de ter relacionamentos amorosos era o sexo, sendo assim, ele encontrou uma saída para acabar com a carência sexual e acabar de vez com o sofrimento proveniente dos amores românticos. Entre um diálogo e outro o autor conversa com um dos seus melhores amigos onde discutem sobre legalização e descriminalização da profissão, porém Chester é adepto da última opção, este o defende por alguns motivos como, para haver uma legalidade deve-se haver uma regulamentação e para se regulamentar conseqüentemente é fundamental a exposição, porém nem todas “podem” ou não “devem” dizer como conseguem comprovar suas rendas.

Esta seria a tarefa mais difícil, “dar a cara a tapa”, outro motivo pelo qual o autor defende a descriminalização seria a intervenção do Estado nos negócios das prostitutas, ele coloca sua profissão como exemplo algumas vezes, pois a sua profissão não é regulamentada e não sofre transtornos como a prostituição, depois ele aponta que regulamentando só algumas mulheres teriam proteção física e as outras que não quiserem se apresentar ainda corriam risco de serem violentadas. Apesar de o autor ser adepto da descriminalização, é nítido que a tentativa de tratar a prostituição como o não crime é uma tarefa difícil, principalmente países regidos por doutrinas

---

<sup>8</sup> Alexandra Kollontai, feminista, revolucionária bolchevique, um dos baluartes da Revolução Russa de 1917, era consciente do antagonismo entre os interesses das mulheres da burguesia e os das classes populares, linha teórica que a guiou quando ministra para abolir o entulho autoritário que oprimia as russas, promovendo a equiparação dos salários femininos aos masculinos, o divórcio, o aborto, inúmeros benefícios sociais para enfatizar a função social da maternidade, como creches urbanas e rurais.

<sup>9</sup> Chester Brown foi muito importante na revolução adulta dos quadrinhos, particularmente foi pioneiro no comic autobiográfico (com 'The Playboy' - lançado no Brasil pela Editora Conrad - e 'I Never Liked You'). Autor de *Pagando por Sexo*.

religiosas, aqui no Brasil por exemplo não é crime ser prostituta, porém o bordel é considerado um delito conforme a lei 12.015.

Na Alemanha o tema é tratado com normalidade e tido como atividade remunerada reconhecida oficialmente. Porém o estigma social permaneceu como o habitual, forçando mulheres que trabalhem como profissionais na área à levarem uma vida dupla. Claro que não podemos fechar os olhos aos casos de exploração sexual comercial de mulheres e crianças. Mulheres que saem de suas cidades com propostas de trabalhos como, garçonne fora do país e acabam sendo exploradas sexualmente pelos cafetões. O filme *Anjos do Sol* faz uma representação da exploração crianças e adolescente, onde os pais da menina Maria a vende para um recrutador na ilusão de que a garota iria para um lugar melhor. Depois de ser comprada em um leilão de meninas virgens, Maria é enviada para um prostíbulo localizado numa pequena cidade. Após meses sofrendo abusos, a menina consegue fugir e atravessa o Brasil na carona de caminhões. Ao chegar ao seu novo destino, o Rio de Janeiro, a prostituição se coloca novamente no seu caminho.

## Conclusão

Apesar de haver mais pessoas contra do que a favor a esta profissão, hoje em dia podemos encontrar pessoas que compartilhem do mesmo pensamento. Falar da prostituição como atividade a ser reconhecida é mostrar para a sociedade que estas mulheres que escolheram a prostituição como profissão faz parte das minorias, minoria esta que está presente de um dos projetos lançado à câmara de deputados em Brasília<sup>10</sup> em busca da legalização da profissão, onde as mesmas poderão ter seus direitos trabalhistas convencionais e aposentadoria.

Negar a regulamentação da prostituição é negar direitos às mulheres. Para defender esse direito você não precisa apoiar ou concordar com a prática. Trata-se simplesmente de reconhecer uma necessidade. Dar direitos a um setor que está totalmente marginalizado. E aí estamos falando mesmo das mais pobres, que recorrem à prostituição como meio de sobrevivência pura e simples, sendo assim, é preciso dar direitos às prostitutas como uma perspectiva de combater também a exploração sexual e isso não estimulará a prática, mais vai tirar elas das mãos do cafetão e dos açoites da polícia.

Não é possível que se continue a ignorar que existem milhares de mulheres que estão nas ruas se prostituindo sofrendo abusos de todos os lados, por isso chega de tapar os olhos e apenas aponta-las, lembrando que ninguém dá o direito desta conduta, pois o corpo é de propriedade privada destas mulheres.

*As barreiras à superação da alienação da mulher não se localiza em sua natureza ou em sua constituição física, como pretende o saber burguês, mas resultam das ações das classes dominantes juntamente com o Estado e a Igreja. O apelo à educação, a formação de uma consciência crítica como meio de desmistificar sua condição social e de derrubar as cadeias impostas pelo poder clerical. (RAGO, 1985)*

---

<sup>10</sup> Projeto Gabriela Leite

A prostituição não é esta profissão fácil como o adjetivo que deu origem a este artigo nos sugere, o gosto pela profissão é fundamental para suportar todos os contratemplos existentes, existem muitas prostitutas que desejam largar a vida nas ruas, porém há aquelas que continuam na profissão e só abandonam quando o corpo já está exausto e não possui mais o pique de quando começou. O sexo está totalmente desvinculado do amor, a igreja fez questão de misturar essas duas coisas nas quais possuem características totalmente diferentes, necessariamente não é preciso amar para se fazer sexo e muito menos fazer sexo para poder amar. Aquela velha história de que o sexo foi criado pelo divino apenas para a procriação e não para satisfazer a vontade carnal está fora de cogitação em nossa contemporaneidade, apesar de que ainda existem aqueles que preferem esperar.

*Faz parte do ser humano uma pessoa querer satisfazer sexualmente a outra. Na Grécia, as mulheres não eram nada porque os homens adoravam transar entre si. Mas existiam mulheres respeitadíssimas, que eram as prostitutas. Elas eram preparadas intelectualmente para conviver com os homens. Sabiam filosofia, artes, ciências. Elas tinham uma entrada na sociedade que as outras mulheres não tinham. Pompéia, que foi destruída com a erupção do Vesúvio, nos deu a chance de ver como eram os bordéis. Eram lindíssimos, chiquérrimos, salões com obras de arte. (LEITE,2009)*

Acredito que o maior fardo que as prostitutas carregam até hoje é a responsabilidade imposta pela própria igreja. Prostitutas nunca foram destruidoras de lares, apenas satisfazia a s vontades dos homens que tinham esposas assexuadas pelo fundamentalismo religioso, transar em busca do prazer não é pecado, pecado mesmo é reprimir o ser humano de fazer as vontades do corpo comprovada biologicamente.

*O mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente... Por saber de tudo isso, a puta está mais para amiga do que para amante. A amante quer ser esposa. A puta jamais vai aconselhar um homem a deixar a esposa e a família. Ela vai conversar com ele sobre tudo que o sujeito não conversa com ninguém, e eu já vi muita puta salvar famílias. (LEITE, 2009)*

Apesar da luta a favor destas mulheres, sabemos que a descriminalização tão desejada por Chester Brown é uma utopia, porém Gabriela Leite no fim de sua biografia nos diz algo que nos faz repensar, *no que diz respeito à prostituta, andamos para trás na história. E creio que só uma grande sociedade seja capaz de reverter essa situação. O que não sei é se somos uma grande sociedade. Mas o que será uma sociedade senão seus indivíduos? Então, pode ser que as mudanças estejam mais ao nosso alcance do que imaginamos. Está na hora, portanto, de andarmos para a frente.* Este artigo traz uma significativa contribuição para a historiografia da prostituição, estamos a dar nosso pequenos passos a frente, tarefa difícil, entretanto não é algo que nos faça desistir. A luta dos negros é o espelho, pois quem diria que após décadas negros e brancos sentariam lado a lado?

## **Referência bibliográfica**

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta / de Gabriela Leite em depoimento a Marcia Zanelatto. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da sociedade disciplinar: Brasil 1890-1830**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DE BEAUVOIR, Simone. **Le Deuxième Sexe. L'expérience vécue**, Paris: Gallimard, 1966. (1ª edição em 1949)

BROW, Chester. **Pagando por Sexo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.